



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação
Interdisciplinar de Professores

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

EXPERIENCE REPORT: THE INFLUENCE OF THE FAMILY ON THE LITERACY PROCESS

Eliane de Souza Pereira¹

Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha²

RESUMO

Neste artigo, trago o relato de experiência do processo de alfabetização, através de um homem, meu pai, que estudou apenas até a 3ª série e conseguiu, através de seus métodos simples, auxiliar no processo de alfabetização e letramento de três crianças, antes dos cinco anos de idade. A falta de apoio e colaboração por parte dos adultos leva a criança a ter ainda mais dificuldades e é isso que percebemos nas escolas, pais que não participam de reuniões, não auxiliam nas tarefas e não se preocupam com a vida escolar de seus filhos. Sem esse suporte de apoio familiar, a criança tende a enxergar o processo de alfabetização como algo muito difícil e, em alguns casos, impossível. Isso ocasiona desinteresse e desmotivação, comprometendo significativamente sua aprendizagem. Concluimos que não basta apenas dizer que a criança deve estudar para ser alguém melhor. É crucial que pais ou responsáveis exerçam seu papel de forma exemplar, colaborando ativamente com o desenvolvimento escolar. Para isso, é fundamental que participem dos eventos da escola, estejam dispostos a ouvir os problemas enfrentados pelo aluno e busquem as melhores soluções.

Palavras Chaves: Relato de Experiência. Alfabetização. Letramento. Criança.

ABSTRACT

In this article, I bring an experience report on the literacy process, through a man, my father, who only studied up to the 3rd grade and managed, through his simple methods, to assist in the literacy and literacy process of three children, before their five years old. The lack of support and collaboration from adults leads children to have even more difficulties and this is what we see in

¹ Acadêmica do Curso de Especialização em alfabetização, letramento e educação especial: perspectivas na inclusão na diversidade cultural, UFMS, CPAQ, negaeliane200@gmail.com

² Professora Orientadora, UFMS/CPAQ, pós doutora em Educação, fatima.cunha@ufms.br



schools, parents who do not participate in meetings, do not help with tasks and are not concerned about their children's school life. Without this family support, the child tends to see the literacy process as something very difficult and, in some cases, impossible. This causes lack of interest and demotivation, significantly compromising their learning. We conclude that it is not enough to just say that children must study to be better people. It is crucial that parents or guardians exercise their role in an exemplary manner, actively collaborating with school development. To achieve this, it is essential that they participate in school events, are willing to listen to the problems faced by the student and seek the best solutions.

Keywords: Experience Report. Literacy. Literacy. Child.

1. INTRODUÇÃO

A motivação para escrever sobre o assunto foi porque processo de alfabetização sempre me despertou curiosidade, especialmente pela minha experiência de vida. Desde a infância, testemunhei meu pai, um homem simples que estudou até a 3ª série do ensino fundamental (atualmente 4º ano), conseguir alfabetizar meus dois irmãos antes dos cinco anos de idade. Isso ocorreu no início dos anos 90, período em que a oferta da educação infantil (creche e pré-escola) ainda não era obrigatória no Brasil. As crianças só ingressavam na escola após os seis anos de idade, já no Ensino Fundamental, pois a oferta da educação infantil ainda não era obrigatória. Essa situação preocupava meu pai, que mesmo com recursos limitados, construiu um pequeno quadro de cimento na sala de nossa casa. O giz para escrever era trazido da escola, pedaços descartados pelos professores por não terem mais utilidade.

Meu pai não apenas nos ensinava a ler, escrever e contar, mas também nos repassava conhecimentos do mundo, como calendário, hora, dinheiro, medição, jogos, trava-línguas, adivinhações, rimas, paródias e desafios de raciocínio lógico. Contava histórias e, mais impressionante ainda, mesmo sem nenhum conhecimento pedagógico formal, ele nos ensinava através da ludicidade. Assim, proporcionou-nos a alfabetização e o letramento.

Entretanto, meu próprio processo de alfabetização não ocorreu com a mesma facilidade dos meus irmãos. Reprovei três vezes e, aos nove anos de idade, ainda cursava a 2ª série do Ensino Fundamental. Isso me angustiava, pois me sentia incapaz. Questionava-me o porquê da dificuldade em aprender algo que para outros parecia tão simples. Foi um momento de muita frustração e inquietude.

Durante as férias, entre um ano letivo e outro, eu frequentava diariamente a casa de minha avó materna, uma mulher sábia, embora nascida numa época de poucas oportunidades, principalmente para o gênero feminino, lutou pela sua alfabetização para ter direito ao voto, ela



compreendia a importância dos estudos. Num ato de colaboração com a minha formação, todas as tardes ela sentava-se embaixo de uma árvore no quintal da cozinha e me fazia codificar o mesmo livro através do método cartilha. Mesmo afirmando que não sabia ler, esse ritual persistiu por pouco mais de um mês. Num desses dias, deparei-me com a palavra "QUALQUER". Uma palavra comum, sempre codificada assim como as outras, mas que naquele instante passou a fazer sentido. A letra agora associada ao fonema, formando a palavra, tudo compreendido em fração de segundo. Foi o meu processo de alfabetização e o despertar para a leitura.

Lembro-me que, quando o ano letivo começou, a professora ficou curiosa sobre a situação de uma aluna reprovada, mas totalmente alfabetizada. Ela não conteve a curiosidade e me chamou, perguntando por que eu não tinha passado de série no ano anterior. Timidamente, respondi: "Porque eu não sabia ler".

A partir desse momento, comecei a sentir gosto pelos estudos e queria aprender tudo. Tornei-me a melhor aluna da turma e, em 2006, terminei o Ensino Médio. Contudo, como não havia possibilidade de continuar os estudos devido à dificuldade financeira e o acesso à universidade pública ainda era algo muito difícil, logo casei e tive meu primeiro filho, o "PI". Ele precisou também passar pelo processo de alfabetização e, dessa vez, foi a minha vez de reinventar e tinha como exemplo meu pai e minha avó, ensinando-o através de atividades lúdicas, brincadeiras, jogos e músicas. Consegui alfabetizá-lo, o que me levou naquele momento a questionar os processos de alfabetização. Será coincidência? Qual explicação possível para conseguir alfabetizar crianças? A alfabetização depende de formação adequada? O que tornou possível a realização desses processos de alfabetização?

Em 2013, tive meu segundo filho, "PA". Em 2017, entrei no curso de licenciatura em letras português da UFRN e comecei a trabalhar como Auxiliar de Serviços Gerais nas escolas da minha cidade. Com a formação e qualificação adequada, também colaborei no processo de alfabetização do meu segundo filho. No entanto, as dúvidas ainda não haviam sido sanadas, pois mesmo com a formação, quando precisava ajudar meus filhos na atividade a escola, era uma mãe agindo e não uma docente.

Por causa dos estágios das graduações e à experiência no ambiente escolar, tive a oportunidade de conhecer diversas etapas, desde o ensino infantil até o Ensino Médio. Durante as oportunidades de conversar com os docentes questionava-os sobre as dificuldades em alfabetizar e a maioria dos relatos era sobre as dificuldades em alfabetizar determinados grupos de alunos. Mesmo os profissionais mais qualificados e competentes não obtinham êxito. Através de observações, notei que a maioria desses alunos tinha algumas características em comum.



Entre elas, o fato mais recorrente era a falta de acompanhamento familiar adequado: os pais não tinham o menor interesse em participar da vida escolar dos filhos, não frequentavam reuniões, não buscavam informações acerca da aprendizagem do aluno e não se preocupavam com a organização do material escolar do filho. Além disso, não colaboravam com as tarefas de casa e não prezavam pela frequência escolar. Existia também uma dificuldade em localizar os pais para tratar de assuntos referentes ao comportamento dos filhos.

Diante dessa experiência, veio-me a certeza de que os métodos e as teorias são válidos para conseguir alfabetizar o aluno. No entanto, mais do que formação e qualificação dos profissionais, o que propicia o processo de alfabetização é a parceria entre escola e família. Diante disso, este trabalho pretende fazer uma análise sobre o quanto a colaboração da família pode contribuir com o processo de alfabetização.

2. IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento individual e coletivo, no entanto, nem todos compreendem seu verdadeiro potencial transformador. Muitos pais e docentes ainda não reconhecem a importância da educação e, dessa forma, consideram que o processo de alfabetização deva ocorrer naturalmente, atribuindo o sucesso ou fracasso da aprendizagem unicamente à disposição do aluno.

Entretanto, a falta de apoio e colaboração por parte dos adultos leva a criança a ter ainda mais dificuldades. Sem esse suporte, ela tende a enxergar o processo de alfabetização como algo muito difícil e, em alguns casos, impossível. Isso ocasiona desinteresse e desmotivação, comprometendo significativamente sua aprendizagem.

Durante todo o período escolar, os alunos que têm o acompanhamento dos pais têm mais chances de superar dificuldades e avançar nos estudos. Esse apoio é especialmente crucial durante a alfabetização, que é o momento mais complexo. É justamente nessa fase que se torna mais perceptível a diferença na aprendizagem entre os alunos. Algumas crianças, que iniciam seu processo de alfabetização mais cedo e com mais facilidade para realizar tarefas, geralmente contam com acompanhamento familiar. Por outro lado, aquelas que não têm apoio enfrentam mais dificuldades, começam a se sentir incapazes e esse sentimento atrapalha ainda mais sua aprendizagem, levando à reprovação, desinteresse, desmotivação e até ao abandono escolar.

No entanto, essa realidade pode ser revertida quando todos reconhecerem que o fracasso escolar não é uma responsabilidade exclusiva do aluno, mas um reflexo da falta de envolvimento



e compreensão de todos. É preciso entender que a educação é importante e um direito de todos. Através dela, o indivíduo pode mudar a si mesmo e ao mundo. Reconhecer o poder de transformação da educação é dar ao sujeito o direito de exercer seu papel de cidadão com autonomia e liberdade. Quando pais e educadores entendem a importância da educação, reconhecem suas responsabilidades e assumem um compromisso, o processo de alfabetização se torna mais tranquilo.

Diante disso, é essencial favorecer que a criança cresça em um ambiente que priorize a educação, para que ela possa compreender seu valor. A educação tem o poder de transformação social; através dela é possível transformar vidas, pois pessoas que estudam têm mais oportunidades de emprego e maiores chances de melhorar de vida. Além disso, a educação é libertadora, pois permite que as pessoas pensem por si mesmas, expressem-se livremente e façam valer seus direitos, evitando que abram mão deles por receio de não se expressarem adequadamente ou de serem mal compreendidas. A falta de consciência sobre esses aspectos abre espaço para que pessoas mal-intencionadas se aproveitem em benefício próprio.

Hoje, a educação é um direito garantido por lei, mas para que isso se concretizasse houve muitas lutas e resistência. Quanto mais as pessoas conhecem seus direitos, mais força têm para lutar por eles. Além disso, a educação pode garantir uma sociedade melhor, já que uma sociedade formada por cidadãos conscientes de seus direitos e deveres pode colaborar na manutenção da ordem social e no processo democrático. Quando o cidadão reconhece sua função, contribui ativamente para uma sociedade mais justa e equitativa.

2.1. A Importância da Colaboração entre Escola e Família no Processo de Alfabetização

O processo de alfabetização é intrincado e demanda uma colaboração estreita entre a comunidade escolar e a família. No entanto, há um desentendimento sobre quais são as competências de cada uma. Enquanto a escola defende que sua responsabilidade se limita à transmissão de conhecimento, argumentando que a educação é primariamente uma incumbência familiar, os pais refutam essa ideia, considerando que a escola, com seus profissionais qualificados, deve assumir integralmente essa responsabilidade.

Essa tentativa falha de dissociar as responsabilidades entre escola e família na formação do aluno é prejudicial, especialmente para o desenvolvimento do discente. Na verdade, é impossível essa dissociação, haja vista que a formação discente está atrelada à formação pessoal; não há como formar um bom aluno sem considerar a formação cidadã. A família e a escola são personagens



essenciais na vida escolar da criança, por isso devem manter uma relação de apoio e cumplicidade, evitar conflitos de ideias, preconizar uma boa convivência, dar preferência ao diálogo e tomar decisões juntas.

Muito embora a escola seja o lugar apropriado para o ensino e aprendizado, isso não significa que a família seja isenta de tal responsabilidade. Antes de chegar ao ambiente escolar, a criança já dispõe de conhecimentos prévios, adquiridos no convívio familiar, sejam bons ou ruins. A função da escola é reconhecer a importância desses conhecimentos, incorporá-los ou excluí-los, e, a partir deles, dar continuidade ao processo de ensino. Dessa forma, a criança começará a fazer relações entre a escola e o meio social.

Embora a escola seja um lugar propício ao aprendizado, o tempo que a criança passa na escola é muito pouco para se trabalhar todas as competências necessárias para a formação do aluno, algo em torno de 4 horas diárias. Isso significa que esta criança passará a maior parte do tempo sob os cuidados da família, e como o processo de formação ocorre a todo momento e em todo lugar, a criança estará sujeita a aprender aquilo que a rodeia, sem filtros.

É compreensível que, por diversos motivos, alguns pais estejam impossibilitados de ensinar seus filhos em casa e acabam deixando essa responsabilidade para a escola. No entanto, o papel da família durante o processo de alfabetização vai além do reforço escolar. Claro que isso é importante, mas a escola já realiza esse trabalho com maestria. O que é percebido é uma falta da presença ativa da família na vida escolar dos filhos. É possível observar que atitudes familiares refletem no aprendizado, tanto positivamente quanto negativamente.

A criança, por ser um sujeito em formação, é influenciada por fatores internos (biológicos) e externos (ambientais). Quando há coerência entre o estímulo ao estudo no ambiente escolar e a continuidade desse estímulo no ambiente familiar, o caminho da criança rumo ao aprendizado se torna promissor. Por outro lado, conflitos de ideias entre esses dois ambientes podem resultar em dificuldades significativas no processo de aprendizagem. A criança aprende aquilo que é posta a ela, se na escola todos dizem que o estudo é importante e em casa não coaduna com o mesmo pensamento, certamente, ela terá dúvida quanto a progredir ou não com os estudos.

Embora, O Plano Nacional de Educação (PNE) estipula que a alfabetização deve ser concluída, no máximo, até o final do 3º ano do ensino fundamental, esta pesquisa será realizada com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 que reconhece que, algumas crianças podem alcançar a alfabetização antes desse período, estabelecendo como meta que, a partir do 2º ano do ensino fundamental, a criança já deveria estar alfabetizada.



Diante disso será realizado um levantamento acerca do processo de alfabetização das crianças matriculadas no 2º ano, da Escola Municipal Dom José Delgado, localizada no Distrito de Manoel Domingos, zona rural de Lagoa Nova, RN, e qual a relevância da participação ativa da família durante o processo de aprendizagem.

Este trabalho pretende fazer um levantamento acerca da aprendizagem dos alunos durante a fase inicial do ano letivo, no mês de março, período em que os docentes realizam uma avaliação diagnóstica para determinar o estágio de alfabetização de cada aluno, e outro no mês de julho para avaliar o progresso de cada aluno. A fim de assegurar a precisão dessa avaliação, os professores foram orientados a basear seus diagnósticos no método proposto por Emília Ferreira, que contempla as seguintes etapas:

Nível 1 Pré-Silábico: A criança tem traços típicos, como linhas e formas semelhantes a emes em letra cursiva. Apenas quem escreveu sabe o que significa. Ainda não se pode distinguir desenho e escrita em seus registros, recorrendo à utilização de desenhos. A escrita deve possuir variedade de caracteres. A quantidade de grafias para cada palavra deve ser constante (Picolli; Camini, 2013). A escrita dos nomes é proporcional à idade ou tamanho da pessoa, do animal ou do objeto a que se refere. Ela escreve boi de forma gigante e formiga de forma mínima (Multieducção).

Nível 2 Pré-Silábico: Para ler coisas diferentes deve haver diferença na escrita. Fixa-se a quantidade mínima de caracteres para escrever – os caracteres aparecem organizados linearmente nesse nível. A forma dos caracteres está mais próxima das formas das letras e podem aparecer junto com números (Picolli; Camini, 2013)

A criança passa a adquirir formas fixas de escrita, utilizando letras do seu próprio nome ou letras conhecidas (aron, lido como sapo; aorn, lido como pato; raon, lido como casa) como fonte principal para seu registro. Cada letra não possui ainda valor sonoro por si só. Assim, a leitura permanece realizada de modo global (Picolli; Camini, 2013). Predomina a escrita em letra de imprensa maiúscula (Multieducção).

Nível 3 silábico: Aparece a hipótese silábica – a criança atribui um valor sonoro a cada sílaba das palavras que registra. As crianças relacionam a escrita à fala. Algumas crianças escrevem silabicamente, sem valor sonoro (Picolli; Camini, 2013). Começa um conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigidas para que a palavra possa ser lida. Ela utiliza duas formas gráficas para escrever palavras com duas sílabas, o que vai de encontro à ideia inicial de precisar no mínimo de três caracteres (Multieducção).



Nível 4 silábico-alfabético: Passagem da hipótese silábica para a alfabética. A criança se aproxima de uma análise de fonema a fonema (Picolli; Camini, 2013). “Percebe que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras” (Multieducação).

Nível 5 alfabético: A criança desenvolve uma análise fonética, produzindo escritas com hipóteses alfabéticas. Daqui para a frente, as crianças enfrentariam outros desafios, como, por exemplo, a ortografia (Picolli; Camini, 2013).

Entre o intervalo de um levantamento e outro será realizada 2ª pesquisa acerca de como é a participação dos pais no ambiente escolar. A primeira consiste em um levantamento sobre a participação desse pais quando são convidados a participarem de um evento na escola.

1. Participação dos pais nos eventos que ocorrer na escola durante esse período.

Maio: dia da família na escola participação

NÍVEL	QUANTIDADE DE ALUNOS	PARTICIPAÇÃO DOS PAIS
Pré-silábico	1	0
Silábico	2	2
Silábico sonoro	3	1
Silábico-alfabético	4	4
Alfabético	5	3

2. Entrevista com a docente sobre como é participação dos pais na vida escolar dos filhos

Ajuda na realização das tarefas para casa?

Organiza o material escolar do (a) filho (a)?

Mantem a frequência escolar?

Vem a escola quando solicitado (a)?

Busca saber sobre a aprendizagem do aluno (a)?

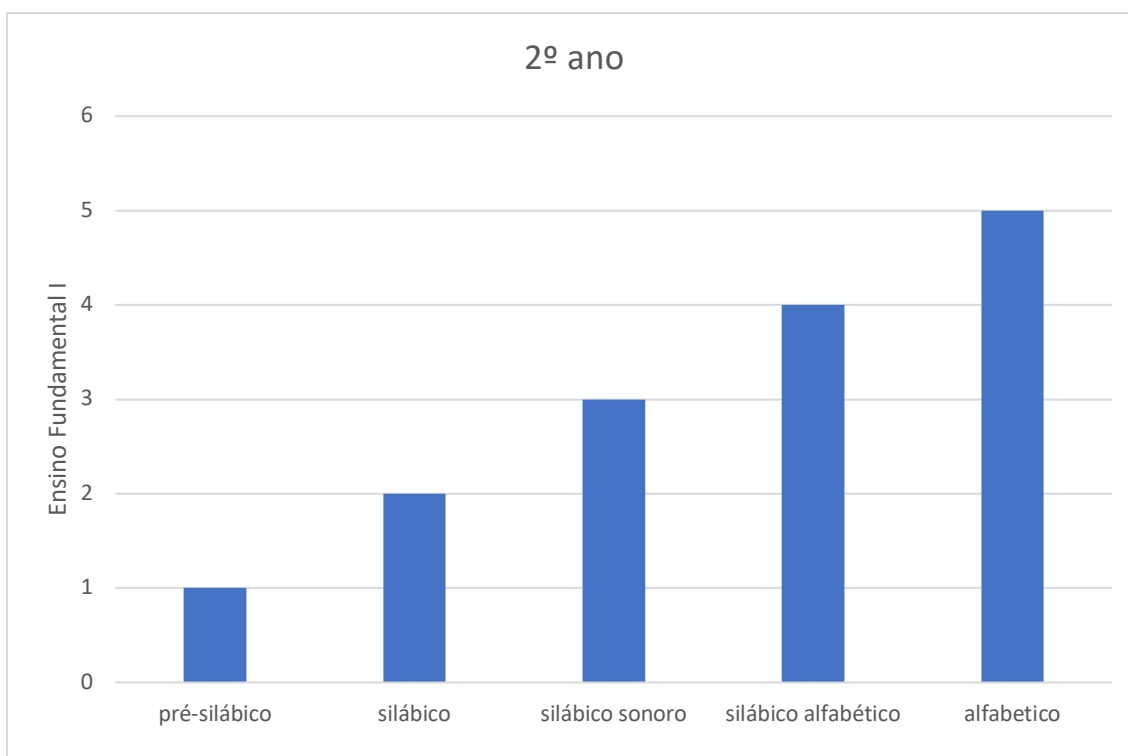
Procura a escola para receber informações?

Pré-Silábico	Silábico <i>sem valor sonoro</i>	Silábico <i>com valor sonoro</i>	Silábica Alfabética	Alfabética
MBFABV	FMB	PEK	PETK	PETKA



3. Março 2024: aprendizagem dos alunos

Turma	2º ano
Formação docente	Especialista
alunos	15 alunos
Alunos não alfabetizados	10 alunos



2.2. A Importância da Família na Formação do Aluno

A escola é o lugar ideal para buscar conhecimento, pois lá tudo é preparado para essa finalidade: dispõe de pessoal qualificado, espaço apropriado, programação específica e tudo é planejado para fazer a criança aprender. Entretanto, nota-se que, mesmo com todo o trabalho pedagógico, isso não é suficiente para garantir o sucesso na alfabetização. É preciso que a criança seja preparada para estar pronta para aprender, e isso envolve o apoio da família.

Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.
Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



A frequência escolar por si só não é garantia de que a criança será alfabetizada. É essencial que os pais ajudem a escola a realizar esta missão. E isso não é uma tarefa difícil, pois depende de algumas atitudes simples e práticas:

- Respeitar a escola e todos os profissionais da educação.
- Realizar visitas esporádicas na escola, conhecendo o lugar onde o filho passa boa parte do seu tempo.
- Evitar ir com roupas inapropriadas ao ambiente escolar, pois a escola é um lugar formal e difere de outros tipos de ambiente.
- Não falar sobre os problemas da escola na presença dos filhos ou fora da instituição. Resolver problemas diretamente na instituição através de diálogo, de preferência com os profissionais que podem resolvê-los.
- Marcar presença em reuniões, palestras e apresentações na escola sempre que possível, de preferência sendo pontual.
- Questionar aos professores sobre a aprendizagem dos filhos e perguntar de que forma podem colaborar nesse processo.
- Colaborar nas atividades de casa, mesmo sem compreendê-las completamente. É importante que a criança perceba que há um interesse em ajudá-la.
- Elogiar os progressos dos filhos, assim como cobrar quando for preciso.
- Perguntar aos filhos como foi o dia na escola, ouvir seus anseios e opinar se necessário.

Essas atitudes mostram à criança que a educação é valorizada pela família e que ela não está sozinha em sua jornada de aprendizagem. Quando a família e a escola trabalham juntas, a criança tem mais chances de superar possíveis dificuldades e avançar nos estudos, especialmente no momento da alfabetização, que é o mais complexo. O apoio familiar é crucial para que a criança se sinta motivada e capaz de enfrentar os desafios do processo educativo.

3. CRIANÇA

Por muito tempo, a figura da criança foi entendida de forma bem diferente da que temos hoje. Como Lima (2018, p. 25) aponta: "A ideia de infância é uma construção social da modernidade. Do período da Antiguidade à Idade Moderna, a infância não existia como figura social e cultural". As crianças eram tratadas como uma espécie de adultos em miniatura, sem preocupação com seu desenvolvimento específico.



Até o século XVII, a vida familiar era vivida em público, sem privacidade, e todas as funções, inclusive as educativas, eram responsabilidade do grupo como um todo. No entanto, o século XVII marcou uma transformação significativa nas famílias. Começou a emergir um sentimento de família e a busca por privacidade (Andrade, 2010). Foi nesse período que surgiram os moldes da família burguesa, impulsionados pelo modelo capitalista de produção e pela instauração da propriedade privada. Esse novo modelo deu aos pais a responsabilidade pelo cuidado das crianças, que passaram a ser vistas como herdeiras de riquezas, misérias e valores sociais (Lima, 2018, p. 24).

Foi somente a partir dos séculos XIX e XX que "variadas áreas do saber construíram conhecimentos para cuidar dessa categoria, tais como: normas de higiene e cuidados, campanhas de amamentação, e instituições de atendimento como creches e jardins de infância" (Lima, 2018, p. 25). A partir daí, a figura da criança passou a ser compreendida como a de um sujeito em formação, que depende do meio para se desenvolver.

Considerado um dos mais importantes pensadores do século XX, William Fritz Piaget foi um biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço que criou a teoria do construtivismo. Sua teoria se baseia na ideia de que o conhecimento é construído através da interação do sujeito com o meio ambiente. Ele afirma que, através do contato que a criança estabelece com o meio, ela aprende. Também destacou que a criança, durante seu processo de desenvolvimento, atinge diferentes estágios que seguem uma sequência normalmente previsível. Em cada fase da infância, existe um grau de maturidade correspondente, o que significa que, com base na idade da criança, é possível determinar o que ela é capaz de aprender. Portanto, não basta colocar a criança em uma situação e esperar que ela sozinha seja capaz de resolver e aprender, é preciso que todo o ambiente esteja favorável para que esta criança alcance o conhecimento.

Portanto, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e dentro do esperado é fundamental que a criança seja compreendida como um sujeito em formação que necessita de apoio e orientação para chegar ao conhecimento.

4. IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO

A educação é fundamental para o desenvolvimento individual e coletivo, desempenhando um papel central na formação de cidadãos conscientes e capacitados para enfrentar os desafios da vida. Ela não apenas promove o crescimento intelectual, mas também contribui para o fortalecimento da sociedade ao cultivar valores éticos, morais e culturais.

Através da educação o sujeito tem maior conhecimento sobre o mundo e ao apropria-se dele é capaz de interpretar o mundo ao seu redor e tomar decisões informadas. Ela ajuda o sujeito



a viver em sociedade desenvolve habilidades críticas, promove a criatividade e estimula a capacidade de resolver problemas pessoais e sociais.

Através da educação é possível transformar vidas, pois pessoas que estudam têm mais oportunidades de emprego e maiores chances de melhorar de vida. Além disso, a educação é libertadora, pois permite que as pessoas pensem por si mesmas, expressem-se livremente e façam valer seus direitos, evitando que abram mão deles por receio de não se expressarem adequadamente ou de serem mal compreendidas. A falta de consciência sobre esses aspectos abre espaço para que pessoas mal-intencionadas se aproveitem em benefício próprio.

Hoje, a educação é um direito garantido por lei, mas para que isso se concretizasse houve muitas lutas e resistência. Quanto mais as pessoas conhecem seus direitos, mais força têm para lutar por eles. Além disso, a educação pode garantir uma sociedade melhor, já que uma sociedade formada por cidadãos conscientes de seus direitos e deveres pode colaborar na manutenção da ordem social e no processo democrático. Quando o cidadão reconhece sua função, contribui ativamente para uma sociedade mais justa e equitativa.

5. RELAÇÃO DA ESCOLA E FAMÍLIA

O processo de alfabetização é intrincado e demanda uma colaboração estreita entre a comunidade escolar e a família. No entanto, há um desentendimento sobre quais são as competências de cada uma. Enquanto a escola defende que sua responsabilidade se limita à transmissão de conhecimento, argumentando que a educação é primariamente uma incumbência familiar, os pais refutam essa ideia, apontando que a escola é o lugar ideal para a formação do cidadão, tendo em vista que o espaço dispõe de profissionais qualificados e preparados para atender todos os tipos de sujeito e ensiná-los tudo a todos, por isso deve assumir integralmente essa responsabilidade.

Sabe-se que essa dissociação é uma tentativa falha. Na verdade, isso é impossível de ocorrer, haja vista que a formação discente está atrelada à formação pessoal, ou seja, tudo aquilo que a criança aprende fará parte da sua formação. Dessa forma é natural que em alguns momentos a escola precisa realizar competências que seriam da família e em outros a família precise desenvolver o da escola, no entanto, é preciso que jamais estes papéis sejam totalmente trocados.

Por isso ao invés de tentar separar o que é de responsabilidade de cada um, é primordial que todos assumam o compromisso com a formação dessa criança para que ela possa torna-se um cidadão competente e capaz de viver em sociedade de forma democrática, participativa e ativa.



A criança é um ser influenciável pelo o meio, por isso tudo que faz parte do seu convívio de certa forma fará parte do seu desenvolvimento e assim não há como impedir que a criança que vive em um ambiente familiar repleto de experiências ruins, vá para a escola e aprenda só coisas boas, não existe esta espécie de filtro em que possa designar o que será absorvido ou não pela a criança. Isto posto, o importante é garantir que todos os espaços frequentados pelas crianças sejam adequados ao seu desenvolvimento e que possa influenciá-lo a aprender.

A família e a escola são personagens essenciais na vida escolar da criança, por isso devem manter uma relação de apoio e cumplicidade, evitar conflitos de ideias, preconizar uma boa convivência, dar preferência ao diálogo e tomar decisões juntas em prol de uma boa formação, dessa forma não basta fazer apenas o seu papel é preciso pensar nesse aluno como um sujeito em formação que necessita de apoio e incentivo.

5.1. Papel docente

Em 2020, durante a pandemia, a tecnologia revelou muitas facetas. Embora tenha contribuído para manter os alunos estudando em suas casas, evitando maiores perdas, também expôs o comodismo de muitos docentes. Enquanto alguns professores buscaram qualificação e se engajaram na nova realidade, outros nem sabiam como ligar um computador e se recusavam a se qualificar em função do trabalho.

Esse comodismo, contudo, não se limita às novas tecnologias. Existem profissionais que se recusam a aceitar que seus métodos de ensino estão ultrapassados e resistem a mudanças que poderiam melhorar suas práticas pedagógicas. Assim, preferem culpar o aluno pela falta de aprendizado, alegando que fizeram a sua parte. Como resultado, milhares de estudantes seguem sem ser alfabetizados no Brasil.

A desmotivação entre os docentes é alimentada por diversos fatores: baixos salários, desvalorização profissional e pessoal, falta de apoio da gestão escolar e das famílias, salas de aula lotadas, e o desinteresse dos alunos, entre outros. Apesar de ser difícil manter o equilíbrio diante dessas situações, é essencial que o profissional esteja preparado para enfrentá-las e compreenda que a formação dos estudantes depende diretamente da qualidade de seu trabalho.

O trabalho docente é eclético e exige formação continuada para acompanhar as mudanças tecnológicas. Seguir modelos tradicionais de ensino não é suficiente; é preciso buscar novos conhecimentos para se qualificar e garantir uma educação de qualidade. O docente deve



reconhecer-se como parte integral do processo de ensino e aprendizado, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos como componentes fundamentais desse processo.

5.2. Papel da família

O ser humano tem uma propensão natural a aprender; a grande maioria possui a capacidade de crescer e se desenvolver ao longo da vida. No entanto, para que um indivíduo se torne um bom cidadão, é imprescindível que ele cresça em um ambiente adequado e propício, que favoreça seu aprendizado e desenvolvimento. Nesse contexto, o ambiente familiar desempenha um papel crucial, sendo o primeiro espaço onde a criança aprende habilidades essenciais, como comer, falar, andar, respeitar e solidarizar-se. Além disso, a família representa sua primeira referência de vida, servindo como exemplo a ser seguido. Por isso, é importante que os pais a partir de suas atitudes reflitam sobre o tipo de exemplo que estão transmitindo e se necessário considerem possíveis mudanças, pois a formação humana exige cuidados que, mesmo inconscientemente, os pais assumiram no momento da concepção.

À medida que a criança cresce, é natural que ela comece a frequentar a escola, um espaço onde aprofundará seus conhecimentos e aprenderá novos conteúdos. Nesse sentido, é essencial manter uma relação de parceria, harmonia e diálogo entre a família e a escola, já que ambas devam compartilhar o mesmo objetivo: o desenvolvimento da criança. Em vista disso é muito importante que manter nessa relação confiança, respeito e companheirismo para colaborar com a formação humana.

Não existe um modelo pronto de como forma um bom cidadão, todavia, é mais provável que crianças que recebem apoio tenham melhores desempenho diferente das demais. Desse modo uma criança que é incentivada em casa a respeitar, obedecer, estudar, e ler, ao chegar à escola, não enfrentará dificuldades significativas em sua aprendizagem. Em contrapartida, as crianças que não recebem essa mesma educação em casa podem encontrar dificuldades ao se adaptar ao ambiente escolar, já que não foram preparadas para isso. Dessa forma, sua aprendizagem pode ficar comprometida, tendo em vista que não é fácil para a criança conviver com duas realidades convergentes.

Trabalhar com alunos que apresentam atraso na aprendizagem é uma situação comum. No entanto, é possível observar que o professor, ao perceber a necessidade do aluno, intensifica e diversifica o trabalho pedagógico a fim de obter progresso, e quando mesmo assim não obtém sucesso, a família é acionada a colaborar. Este apoio é fundamental, tendo em vista que a partir da



ajuda familiar muitos alunos começam a obter avanços, enquanto as que a família não demonstra interesse fica estagnados.

A criança passa, em média, apenas quatro horas por dia na escola, enquanto o restante do tempo é passado no seio familiar ou em outros lugares aprovados pela família. Isso significa que não adianta a escola se esforçar ao máximo para oferecer a melhor educação, se em casa tudo é desconstruído. Assim, mesmo que a família não tenha conhecimentos pedagógicos suficientes para ajudar nas tarefas escolares, pode preparar esta criança para estar em um ambiente alfabetizador.

É essencial que a criança receba, por meio das atitudes familiares, apoio e incentivo para estudar. A família pode colaborar com a formação do aluno através do diálogo, compartilhando exemplos de como a falta de estudo pode impactar a vida, ou, por outro lado, como o progresso nos estudos os ajudou a alcançar o sucesso. Além disso, é importante destacar para a criança a importância de se qualificar para ter melhores oportunidades de emprego e ser bem-sucedida.

Embora as crianças ainda não compreendam completamente o valor dos estudos, é fundamental que a família as incentive a buscar melhores perspectivas de vida por meio da educação. Os responsáveis devem estar sempre disponíveis para tratar de assuntos escolares, e é importante que a criança perceba, através das atitudes da família, que a escola é um lugar de respeito e relevância.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a formação adequada seja importante para os professores, o apoio e a orientação dos pais ou cuidadores podem desempenhar um papel crucial na alfabetização das crianças, a alfabetização é um processo complexo que vai além do domínio das habilidades básicas de leitura e escrita.

Envolve também o apoio emocional, a criatividade e a construção de significado em torno da linguagem, e pode ser alcançado de diferentes maneiras, desde que haja dedicação e um ambiente propício para o aprendizado.

Não basta apenas dizer que a criança deve estudar para ser alguém melhor. É crucial que pais ou responsáveis exerçam seu papel de forma exemplar, colaborando ativamente com o desenvolvimento escolar. Para isso, é fundamental que participem dos eventos da escola, estejam dispostos a ouvir os problemas enfrentados pelo aluno e busquem as melhores soluções. Ao demonstrar interesse pelos assuntos escolares, a família estará possibilitando que a aprendizagem do aluno seja mais significativa, além de encorajá-lo a persistir.



A família também pode contribuir organizando o material escolar da criança e garantindo que ela tenha tudo o que precisa para realizar as atividades em sala de aula. Manter um contato frequente com a escola para acompanhar o desenvolvimento do aluno e perguntar o que pode ser feito para melhorar é igualmente importante. Outro ponto de apoio é reservar um espaço tranquilo em casa para que a criança possa realizar suas tarefas, conversar sobre suas dificuldades e orientá-la a superá-las.

7. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Priscila Maria Romero Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e a gênese da língua escrita. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/11/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-gnese-da-lngua-escrita>. Acesso em: 23 nov. 2024.

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

RIO DE JANEIRO. Multieducação. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. Multirio. Disponível em: http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/cime/ME02/ME02_010.html. Acesso em: 2 out. 2024.